

EDUCAÇÃO AMBIENTAL ATRAVÉS DA CONSTRUÇÃO DE UM VIVEIRO DE PLANTAS NO SERTÃO DO MOXOTÓ, PERNAMBUCO

Agda Soares de Carvalho (1); Adrienne Teixeira Barros (2)

¹Graduanda do Curso de Ciências Biológicas. soares.ac.19@gmail.com ²Professora, Doutora do Departamento de Biologia. Universidade Estadual da Paraíba, campus I. Campina Grande, Paraíba. adriannebarros@yahoo.com.br

Resumo: Compreende-se que Educação Ambiental tem como fundamento formar indivíduos preocupados com os problemas ambientais, no qual esses indivíduos busquem conservar e preservar os recursos naturais e a sustentabilidade. A educação ambiental é extremamente importante para despertar a consciência de que o ser humano também se faz parte do ambiente. Os problemas gerados a partir do descuido com o meio ambiente impulsionam a necessidade de se aprender à educação ambiental. E através de ações sociais o objetivo principal desse trabalho foi a construção de um viveiro de mudas, com o intuito de contribuir com a promoção do desenvolvimento local em comunidades carentes, gerando alimento, emprego e renda na Zona Rural de Inajá, sertão de Moxotó, em Manari, Pernambuco. O trabalho de educação ambiental desenvolvido junto aos moradores da zona rural permite às comunidades refletirem sobre valores, enriquecerem conhecimentos e agirem em prol da melhoria da qualidade de vida. Como resultados obtidos, teve-se a construção do local de meia sombra para as mudas, a distribuição das mudas frutíferas para os moradores da região, a plantação dos pomares e o reflorestamento de regiões da Caatinga. Acredita-se que os viveiros são um incentivo à organização coletiva nas comunidades rurais, uma vez que são instalados em áreas comunitárias, onde ocorre o envolvimento expressivo da população local no desenvolvimento de práticas conservacionistas, além do estabelecimento de relações de sustentabilidade. As inserções da universidade no campo, levando projetos de extensão que possam de forma voluntária, levar mais conhecimento para a comunidade, podem melhorar ainda mais a condição social dos habitantes da região.

Palavras-chave: Educação ambiental. Ações sociais. Viveiro de mudas.

INTRODUÇÃO

Manari é um município brasileiro, situado no estado de Pernambuco. No início dos anos 2000, foi considerado o município mais pobre do Brasil e ainda é um dos poucos do país a apresentar um baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Atualmente o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal- 2010 (IDHM) estão 0,487, segundo o IBGE (2010). Além disso, sofre um grande processo de desertificação.

Vários trabalhos sociais já realizados com a comunidade em Manari observaram que entre as principais necessidades da população residente estavam: a perfuração de poços e o plantio de árvores frutíferas e nativas da Caatinga, que pudessem servir de alimento e ao mesmo tempo contribuíssem para o reflorestamento local. Em 2012, existia apenas 1 poço no local e nenhuma árvore frutífera.

A ONG “Pão é Vida”, fundada no ano de 2005, tem realizado projetos sociais no local, que visam à inclusão social e busca formas de melhorar a vida das pessoas, através da obtenção de água limpa para o consumo e do plantio de pomares para a sustentação das famílias, retirando-as da fome e evitando o êxodo rural. Através de palestras proferidas por profissionais voluntários, toda a comunidade é inserida no contexto da Educação Ambiental, onde aprendem questões ecológicas importantes, como a conservação dos recursos naturais.

A partir da compreensão dos problemas ambientais, se faz necessário uma mudança de postura. Sendo assim, compreende-se a importância da educação ambiental como ciência transformadora, que vem despertar a consciência de todos para o fato do ser humano também fazer parte do meio ambiente, em alguns momentos, inclusive, como principal agente poluidor ou degradador do mesmo. É preciso se perceber nesse cenário de descuido ou destruição para entender que será diretamente afetado, a curto, médio ou longo prazo, e assim, entender que o meio ambiente precisa ser conservado.

Sendo assim, através de ações sociais, o objetivo principal desse trabalho foi a construção de um viveiro de mudas, com o intuito de contribuir com a promoção do desenvolvimento local em comunidades carentes, gerando alimento, emprego e renda na Zona Rural de Inajá, em Manari, sertão de Moxotó, PE. Também se objetivou: a) Fornecer palestras para a comunidade local, com temas voltados à Educação Ambiental, tais como: conservação das espécies nativas, reciclagem, compostagem, coleta seletiva, reflorestamento, etc. b) Contribuir com o reflorestamento local,

fornecendo mudas para hortas caseiras ou comerciais, jardins públicos ou residenciais e para a instalação de pomares frutíferos.

METODOLOGIA

O trabalho de intervenção junto à comunidade ocorreu entre outubro e novembro de 2016. Previamente, foram feitas visitas com o intuito de conhecer o trabalho desenvolvido pela ONG Pão é vida na região e onde foi apresentada a intenção de participar das atividades de educação ambiental, a partir do projeto de construção do viveiro.

Como forma de inclusão social e geração de renda, foi observado que são oferecidos diversos cursos de capacitação, de curta duração, que possibilitam aos sertanejos que os mesmos tenham a oportunidade de permanecer em sua terra e dela tirar o seu sustento. No caso específico das palestras ministradas para a construção dos viveiros, elas forneciam as informações gerais sobre as plantas, espécies utilizadas, locais de plantio, adubagem orgânica, podas, irrigação, etc.

As mudas utilizadas no projeto (Figura 1) foram doadas para a comunidade mediante parceria firmada previamente com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), que capacitou a população local, a ONG “Pão é vida” e o sindicato de trabalhadores rurais de Inajá, para o manuseio e plantação adequada das mesmas.



Figura 1: Mudas da Caatinga (frutíferas).

As mudas foram, então, levadas para o viveiro, onde foram plantadas com auxílio de enxadas, pás, regadores e baldes. Para a construção do local de meia sombra no viveiro das mudas foram utilizados galhos secos mortos, encontrados na Caatinga, que foram amarrados com fitas velhas de irrigação. Todos os materiais utilizados para a construção dos viveiros eram reciclados e/ou reaproveitados.

Após a doação das mudas para os moradores, os quintais eram visitados (com permissão das famílias) para verificar se elas estavam sendo bem cuidadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após coleta dos galhos e fitas de irrigação, foram construídos os locais de meia sombra para as mudas (Figura 2) doadas pelo SENAR, a partir de modelo previamente esquematizado (Figura 3). Nesse local, elas foram acondicionadas até que pudessem ser repassadas à população.



Figura 2: Viveiro de mudas da Caatinga.



Figura 3: Esquema do viveiro meia-sombra.

As mudas foram doadas exclusivamente para as famílias residentes nos sítios e utilizadas pelos pequenos proprietários rurais em suas propriedades e locais públicos, dando origem aos pomares (Figura 4). Elas também serviram para o reflorestamento de áreas locais do bioma Caatinga (Figura 5).



Figura 4: Colheita de frutos dos pomares.



Figura 5: Reflorestamento da Caatinga.

Segundo Martins e Mello (1993), a educação ambiental é um campo aberto ao trabalho interdisciplinar necessário à construção do conhecimento coletivo, que consegue integrar atores sociais, natureza e cultura instrumentalizando a ação transformadora. Sabe-se, porém, que antes de

qualquer iniciativa de caráter educacional é preciso que as necessidades básicas que garantam condições dignas de permanência no campo sejam satisfeitas.

Acredita-se que o trabalho de educação ambiental desenvolvido junto aos moradores da zona rural permite às comunidades refletirem sobre valores, enriquecerem conhecimentos e agirem em prol da melhoria da qualidade de vida.

Os viveiros são um incentivo à organização coletiva nas comunidades rurais, uma vez que são instalados em áreas comunitárias, onde ocorre o envolvimento expressivo da população local no desenvolvimento de práticas conservacionistas, além do estabelecimento de relações de sustentabilidade. Nesse contexto, segundo Reigota (1998), a educação ambiental aponta para propostas pedagógicas centradas na conscientização, mudança de comportamento, desenvolvimento de competências, capacidade de avaliação e participação dos educandos. Para Pádua e Tabanez (1998), a educação ambiental propicia o aumento de conhecimentos, mudança de valores e aperfeiçoamento de habilidades, condições básicas para estimular maior integração e harmonia dos indivíduos com o meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ações de Educação Ambiental, como as realizadas pela ONG “Pão é vida” são de fundamental importância para a inclusão social dos indivíduos da comunidade, colocando-os como sujeitos ativos nesse processo, aprendendo como plantar, como colher e como utilizar os recursos de maneira sustentável, sem agredir o meio ambiente e contribuindo para melhoria da fonte de renda e do cenário da paisagem local. Acredita-se que a implantação do viveiro das mudas e a existência de um pomar em cada quintal possa ser um caminho para acabar com a fome e a desnutrição no Sertão do Moxotó.

As inserções da universidade no campo, levando projetos de extensão, que possam de forma voluntária, levar mais conhecimento para a comunidade, podem melhorar ainda mais a condição social dos habitantes da região.

Conclui-se que a educação ambiental ajuda a identificar problemas que afetam a qualidade de vida do ser humano, além de ajudar a encontrar soluções e alternativas para solucionar questões ambientais, sendo assim, pode mudar hábitos, transformar situações e proporcionar melhoria na qualidade de vida das pessoas, promovendo valores como cooperação, igualdade de direitos, autonomia, democracia e participação.

REFERÊNCIAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/68OX>. Acesso em Agosto/2017.

MARTINS, L. C. e MELLO, M. I. S.. **Educação, Meio Ambiente e Desenvolvimento**: Programa Interdisciplinar. Brasília; UnB - 1993.

PÁDUA, S. e TABANEZ, M. (orgs.). **Educação ambiental**: caminhos trilhados no Brasil. São Paulo: Ipê, 1998.